

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
ALLAN DWAN
25 e 28 de janeiro de 2022

THE RIVER'S EDGE / 1957 (*Matar Para Viver*)

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** Harold Jacob Smith e James Leicester, segundo a história "The Highest Mountain" de Harold Jacob Smith / **Fotografia:** Harold Lipstein / **Direcção Artística:** Van Nest Polglase / **Montagem:** James Leicester / **Música:** Louis Forbes; **canção:** James Leicester e Bobby Troup / **Intérpretes:** Ray Milland (Nardo Dening), Anthony Quinn (Ben Cameron), Debra Paget (Meg Cameron), HARRY CAREY, JR. (Chet), Chubby Johnson (Pop Whiskers), Byron K. Foulger (Barry), Frank Gerstle (Harry Castleton), Tom McKee (funcionário da alfândega).

Produção: Benedict Bogeaus, para a 20th Century Fox / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, scope, com legendas em português, 87 minutos / **Estreia Mundial:** Abril de 1957 / **Estreia em Portugal:** Coliseu (Porto), em 10 de Maio de 1958; Politeama (Lisboa): 26 de Junho de 1958

The River's Edge foi o último filme importante dirigido por Allan Dwan. Importante principalmente em termos económicos, pois para nenhum dos outros desta recta final, o produtor Benedict Bogeaus conseguiu reunir um tal elenco, dinheiro e o apoio da Fox para a distribuição, ele que, geralmente, se tinha de refugiar sob a égide da RKO já em falência. Allan Dwan, um pioneiro do cinema em actividade desde 1911, saiu do relativo apagamento em que caíra na década de 40 quando iniciou com Bogeaus uma relação profissional que se pode comparar à que ligou Harry Joe Brown a Budd Boetticher, explorando, como a segunda dupla, uma série de *westerns* que se destacaram no seu tempo por motivos diversos: a modernidade de Boetticher face ao classicismo primitivo de Dwan. O autor de **The River's Edge** irá recuperar entre a crítica o prestígio da década de 20 com filmes do género como **Montana Belle/Flor Bravia**, **The Woman They Almost Lynched**, **Silver Lode/Falsa Justiça**, **Passion/Onde Morre o Vento** e **Cattle Queen of Montana/A Rainha da Montanha**, **Tennessee's Partner/Rivalidade**, embora para muitos (entre os quais me incluo) a sua obra-prima desta fase seja **Slightly Scarlet/O Anjo Escarlate**, prodigioso filme "negro" (a cores) onde John Alton criou uma das mais belas fotografias neste género. **Slightly Scarlet** e, já agora, **The River's Edge** (por muito que eu admire **Enchanted Island/A Ilha dos Homens Selvagens**, penúltimo filme de Dwan).

Em termos de produção, como já referimos, **The River's Edge** está acima dos restantes filmes. Na sua entrevista a Peter Bogdanovich, Dwan contou brevemente a génese do filme: "Ray Milland devia um filme à Fox, que não encontrava argumento que ele aceitasse. Apareceu Bogeaus com este de que ele gostou. Depois conseguiu Tony Quinn. Era óptimo juntar os dois". A Fox, por sua vez, impôs a presença de Debra Paget, que tinha sob contrato. O filme foi quase todo rodado em exteriores no México. Mas no cômputo geral **The River's Edge** não se distingue muito dos restantes filmes. Não só pelo uso dos exteriores

nos *westerns*, mas principalmente pelo tom geral do filme. A dificuldade em nos aproximarmos de um filme de Dwan (o que é paradoxal), talvez se encontre no facto, paradoxal, da sua simplicidade e transparência serem mais aparentes que reais. Isto, pelo menos, a um olhar contemporâneo (da altura da sua produção), porque toda a obra de Dwan é um cinema "primitivo". Dwan percorreu décadas indiferente à evolução que a seu lado decorria, usando o som, a cor e depois o scope, da mesma forma que usava as primitivas câmaras com que trabalhou em 1911. Toda essa técnica não é mais do que um meio para contar uma história, que cada autor conta com o seu estilo próprio. E o de Dwan é essa forma intuitiva de se aproximar das personagens no momento certo para a história e colocar-lhes na boca apenas as palavras necessárias, mesmo que sejam clichés, ou destinadas a produzir efeito (Quando Nardo/Ray Milland, quebra o vidro da carrinha para apontar o revolver a Ben/Anthony Quinn, este diz-lhe: "Uma bala na minha cabeça são 30.000 volts na sua"), de forma simples e seca, tão árida como a paisagem.

Esta faceta "primitiva" destaca-se também no tratamento erótico da personagem feminina. Meg parece saída de um dos filmes primitivos de Dwan (e recorde-se que este foi um dos realizadores que melhor exploraram e trabalharam o sex-appeal de uma das mais fortes presenças eróticas no cinema dos anos 20: Gloria Swanson), enquadrada por vezes da mesma forma e em situações que pouco se distinguem das primitivas. Como se nada se tivesse passado nesse espaço de tempo, o que faz do filme (e da obra de Dwan) um objecto de estudo interessante do processo da representação do erotismo numa altura em que a censura começa a perder terreno.

The River's Edge, acompanha o percurso de três personagens na fronteira mexicana: Nardo, Ben e Meg. O primeiro quer cruzar a fronteira com um milhão de dólares que roubara, e procura Ben que conhece bem a região. Mas o seu objectivo principal é recuperar a antiga amante que descobriu estar casada com Ben. Se o cinema de Dwan é eminentemente físico, é porque ele vai revelando as coisas e as personagens ao longo do filme, sem justificações, apenas pela presença "física" delas. Por exemplo: Quando Nardo chega, ao começo, à bomba de gasolina, pode ser tomado por muitas coisas, mas não pelo que é, um gangster. Ben descobre logo ao começo quem é Nardo e o que a mala contém, e com ele o espectador. O reflexo do espelho mostra o dinheiro na mala, e a fotografia que Ben tira da gaveta onde se presume que Meg a terá escondido, mostra Nardo. Tudo fica claro para o espectador sem necessidade de explicações. A conversa de Nardo com Meg no salão do hotel serve apenas para destacar os laços de cumplicidade que os tinham unido. Ao longo da viagem o carácter de Nardo vai-se revelando ao sabor das circunstâncias: a morte do polícia da fronteira, a do velho pesquisador são fruto da "necessidade" e não de qualquer "patologia" de Nardo. Aliás, quando ele age de outra forma, contra os seus interesses, no final, acaba por se tornar a vítima. Ben não será intrinsecamente, muito diferente (a forma como se refere ao dinheiro: "Se está ali, não o vou deitar fora") mas tem do seu lado o amor de Meg. Aliás, este é o fiel da balança da acção. As coisas correm pelo melhor para Nardo enquanto Meg está do seu lado. E quando esta se alia a Ben, a sorte de Nardo muda.

Cinema físico e instintivo por excelência, os filmes de Allan Dwan representam a perenidade e serenidade de um olhar diante do tempo que passa.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico